

HÍBRIDOS, DUPLOS, MÚLTIPLOS

Nesta edição de número 19 da revista *Scripta Alumni*, o tema estudado é *Híbridos, duplos, múltiplos*. Essa diversidade, característica atual da arte e da cultura, vem se delineando há décadas. Em uma rápida retomada, pode-se considerar que as relações (envolvendo duplicidade ou multiplicidade) e a hibridação (que se define como uma associação mais aprofundada, porque ocorre desde a gênese da arte a ser produzida) decorrem de cruzamentos anteriores, a exemplo da interdisciplinaridade. Esse termo foi usado pela primeira vez por Piaget e depois por Wirth, ainda no início do século XX, e, em poucas palavras, pode ser assim definido: "(...) cooperação entre várias disciplinas em que existe reciprocidade nos intercâmbios e enriquecimento mútuo delas" (MATEUS, 2018)¹. Posteriormente, no que diz respeito ao texto especificamente, veio o conceito de intertextualidade, preconizado por Bakhtin e aprofundado por Julia Kristeva, para quem "a palavra literária não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais" (KRISTEVA, 1969, p. 72)². Em um terceiro momento, às vésperas do século XXI, vinha à tona o conceito de interartes:

O objeto dos Estudos Interartes refere-se, ao menos em sua origem, como lembra Clüver, às possíveis interações entre as artes em geral. Tradicionalmente, são investigadas as relações entre as artes e entre as obras de arte, em geral, representadas em estudos que relacionam a operação conjugada de dois "textos de artes" distintos. (AGUIAR, 2018, ênfase no original)³

Como cada arte tem um suporte próprio, a definição acima não envolvia apenas os diferentes tipos de arte, mas também as mídias que as propagavam, razão pela qual passou a ser utilizado também o termo

¹ MATEUS, A. F. *Interdisciplinaridade e transformações sociais: a importância de uma nova comunicação*. Disponível em:

http://www.academia.edu/31304040/Interdisciplinaridade_e_transformações_sociais_a_importância_de_uma_nova_comunicação_. Acesso em: 18 mai. 2018.

² KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Debates, 1969.

³ AGUIAR, D. *et al. Apresentação: Intermidialidade e seus diálogos contemporâneos* Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2016/01/004-APRESENTA%C3%87%C3%83O-19-n1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.



intermedialidade, compreendido por Irina Rajewsky como a “**combinação de mídias**, que abrange fenômenos como ópera, filme, teatro (...)” (RAJEWSKY, 2005, ênfase no original)⁴. E então chegamos ao contexto contemporâneo, que continua esse caminho, investindo hoje no híbrido e potencializando as associações já praticadas e conhecidas há tempos. O que nos permite (ou exige) essa perspectiva cultural é a globalização, fenômeno que causou o apagamento das fronteiras, nas mais diversas esferas da sociedade:

Bauman salienta os aspectos das “fronteiras culturais”, dos limites territoriais e do “fim da geografia”, baseando sua interpretação em Paul Virilio: “as distâncias não são mais importantes como costumavam ser, enquanto a ideia de fronteira geofísica é cada vez mais difícil de defender no mundo real”. As fronteiras encontram-se “abertas” diante da globalização que surge na sociedade contemporânea. O surgimento da rede global de computadores implica no ciberespaço e na impossibilidade de um “controle territorial” (BUDKE, 2018, ênfase no original)⁵.

É evidente que, antes dessa trajetória que retomamos aqui e, portanto, antes de os conceitos existirem e se tornarem oficiais, as trocas entre áreas de conhecimento, artes e mídias despontavam vez ou outra, chamando a atenção do público e da crítica para determinados artistas e suas obras. Entretanto, em pleno século XXI, os cruzamentos voltam a ser impulsionados pela questão global, que define nosso contexto. O híbrido e o múltiplo sem dúvida nenhuma nos representam. Representam nosso tempo:

(...) as obras realmente fundantes produzidas em nosso século não se encaixam facilmente nas rubricas velhas e canônicas e, quanto mais avançamos em direção do futuro, mais o hibridismo se mostra como a própria condição estrutural dos produtos culturais. (MACHADO, 2003, p. 67-68)⁶

⁴ RAJEWSKY, I. O. Intermediality, intertextuality and remediation: a literary perspective on intermediality. *Intermédiatés/Intermedialities*, Montreal, n. 6, 2005, p. 43-64.

⁵ BUDKE, S. *O pensamento de Bauman*: “Ensaio sobre o conceito de cultura”. Disponível em: <http://www.cfjl.com.br/blogs/24-pastorado/2210-o-pensamento-de-bauman-ensaios-sobre-o-conceito-de-cultura>. Acesso em: 18 mai. 2018.

⁶ MACHADO, A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2003.



Nessa mescla, as conexões e as diferenças propiciam novos conhecimentos e experimentações, que, por sua vez, possibilitam a renovação artística. Portanto, a hibridação e até mesmo o simples contato resultam na "investigação criativa" (GUIMARÃES, 2007, p. 39), libertando os artistas "do atrelamento a modelos e conceitos preexistentes" (p. 39)⁷. Em última análise, trata-se não apenas de uma "estratégia de sobrevivência, mas sim de enriquecimento expressivo" (p. 39).

Para apresentar a variedade de trabalhos aprovados para esta edição de nossa revista, foram escolhidas quatro seções:

- *Literatura, outras artes e outras mídias*
- *Tempo e memória*
- *Questões de (con)texto*
- *Escrita criativa*

A primeira parte, *Literatura, outras artes e outras mídias*, traz três artigos. O primeiro, sob o título *A curva na estrada: questões de ficcionalidade em "Aquarius"*, faz uma comparação entre o filme de Kleber Mendonça Filho e poemas de Caetano, dando ênfase à memória e à imaginação, aliadas à perspectiva da montagem e do eu-lírico, respectivamente. No segundo trabalho: *Jeito de corpo: relações de autoria e originalidade em duas performances da canção "Obeah (wo)man"*, a literatura é combinada à música e à filosofia, para dar base a reflexões sobre autoria e originalidade. Entre vários aspectos, analisam-se as especificidades e as contribuições de cada intérprete, em sua performance. Já o terceiro texto, *Espelho, espelho meu: da rainha má dos Grimm à rainha má de "Once upon a time"*, associa o texto literário à série televisiva, avaliando a permanência do personagem típico dos contos de fadas e suas transformações, em decorrência da adaptação intermediária, que abrange contextos históricos e sociais completamente distintos.

A seção intitulada *Tempo e memória* abrange outros três artigos. Em *Memória: força motriz na criação de "Os invencidos"*, de William Faulkner, investiga-se de que modo a obra de ficção refrata não apenas o passado pessoal, mas também o passado histórico. No referencial teórico, destacam-se os estudos de Benjamin e Ricoeur, que consolidam

⁷ GUIMARÃES, D. A. D. *Comunicação tecnoestética nas mídias audiovisuais*. Porto Alegre: Sulina, 2007.



a associação inegável e primordial entre literatura e filosofia. O segundo estudo dessa parte, denominado *Animais como metáforas para a decadência do Humanismo no século XX: "A revolução dos bichos" e "O rinoceronte"*, relaciona as obras de Orwell e Ionesco, escritas, respectivamente, nas décadas de 1940 e 1950, sob a influência do período bélico. Como o título do trabalho anuncia, o humanismo é revisto e a autora utiliza como base os postulados de Marx e Heidegger, fundindo exemplarmente a arte literária à história, à política e à filosofia. O último artigo da presente seção intitula-se *Pablo Neruda, "Soneto VI": Ecos de Proust no sul da América* e tem como mote a memória, tema que conduz a análise do texto do poeta chileno em comparação àquela que é considerada a obra-prima do escritor francês. Além disso, é debatida a questão da intertextualidade, assim como o texto poético é apresentado em seus diferentes níveis: fonético, morfológico e sintático.

A terceira seção, denominada *Questões de (con)texto*, apresenta dois trabalhos. Em *Um bairro para se descobrir: Movimentos do interminável na obra de Gonçalo M. Tavares*, o autor também recorre à filosofia e à intertextualidade, a exemplo de trabalhos já apresentados aqui, mas, agora, o objetivo é analisar o espaço. O diferencial é que não se trata de um espaço marcado e delimitado. Sendo assim, pode servir a qualquer sociedade e a qualquer sujeito, em conformidade com o conceito de **heterotopia**, idealizado por Foucault. O segundo texto dessa seção também trata da literatura portuguesa. Porém, nesse caso, o foco é um clássico, como anuncia o título do artigo: *João da Ega: O prenúncio da modernidade em "Os Maias"*. A autora utiliza a questão do híbrido como algo inerente à produção literária, sobretudo em fases de transição estética. Dessa forma, questiona-se a formalidade da periodização literária, avessa à naturalidade e ao instinto da expressão artística.

A última seção, *Escrita criativa*, reúne cinco textos literários: um poema e quatro contos. Abrindo essa parte, estão dois textos esparsos: o poema *Ancoradouro* e o conto *Retenção de líquidos*. Na sequência, um conto do escritor Moacyr Scliar é leitura obrigatória para a apreciação dos outros três textos que fecham esta edição. Isso ocorre porque *História porto-alegrense*, de Scliar, foi o ponto de partida para *Desabafo*, *Coisa de mãe* e *É o fim da picada!* Esses três contos são, portanto, reescritas que elegem perspectivas variadas, em um exercício de transformação do texto-base: *Desabafo* apresenta o ponto de vista do protagonista masculino; *Coisa de mãe* privilegia a ótica da mãe da personagem principal; e *É o fim da picada!* enfatiza o olhar de um observador porto-alegrense. É importante destacar que a escrita criativa



também desenvolve o tema proposto neste dossiê, já que compreende um processo pleno de relações:

O processo criativo em si é, atualmente, tema abordado a partir de diversas concepções, desde a crítica genética até a semiótica. Tal processo pode constituir ele mesmo uma tomada de posição do escritor e do artista, contribuindo para a discussão do aspecto ideológico da literatura. A relação do autor com o texto, o conceito de autoria e suas relações com a tramas textuais, os diferentes processos criativos e suas teorias de base, a articulação entre criação consciente e inspiração são alguns dos objetos desta linha de pesquisa. Da mesma forma, é alvo de análise a dialética entre invenção e tradição, e como isso se dá dentro de um determinado sistema literário, com seus mais variados vínculos e diálogos com o campo do extraliterário. (UNIANDRADE, 2018)⁸

Feita a apresentação, espero ter contribuído para a escolha dos textos de interesse de nossos leitores e desejo a todos uma excelente e produtiva leitura.

Verônica Daniel Kobs
Editora

⁸ UNIANDRADE. *Mestrado*. Linhas de pesquisa. Disponível em: <https://www.uniandrade.br/info-mestrado/mestrado-em-letras/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 27 jun. 2018.

